

MOA SIPRIANO

A DESPEDIDA



MOASIPRIANO.COM

A DESPEDIDA

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

pixabay.com

dafont.com

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial & Contato

moasipriano.com

escritor@moasipriano.com

Acordar cedo é um insulto aos meus padrões biológicos. Definitivamente, eu não nasci para madrugar. Sinto-me amorfo até o bater do meio-dia.

Quando sou obrigado a sair de casa antes das dez, caminho pelas ruas amparado por ninfas lésbicas. Viro um cheiroso sonâmbulo bem-vestido a caminho do trabalho. E não adianta, pois nenhum banho revigorante e muito menos xícaras de café sem açúcar são capazes de me “ligar” pela manhã.

Artista gráfico especializado em serigrafia, eu sou filho da Lua. Amo o silêncio da noite, as madrugadas de temperatura amena. Algumas vezes até me esforço para suportar matizes púrpuras do nascer de um sol ignorado.

Tudo dentro de mim-eu-mesmo acelera e ganha vida conforme as horas do dia avançam, desmioladas. Minha energia e meus sentidos atingem o grau máximo no decorrer do segundo turno. A criatividade e a intuição promovem saltos de alegria quando a meia-noite promove suas badaladas, anunciando a liberação total da minha via produtiva.

* * *

Naquele doze de junho, despertei por volta das oito horas. Saí da cama a contragosto. Os pés aquecidos formigaram ao tocar o piso frio, desconcertante, incerto. Eu deveria acordar bem pra lá das nove. O que aconteceu com o relógio? Por que abrir os olhos antes do correto programado?

Banho completo, o rabugildo aqui vestiu o conjunto clássico: *jeans*, camisa polo e *docksides* jurássicos. Nunca fui ligado a tendências da moda e coisas do tipo. Um pedaço de pano bem limpo a cumprir sua função de moldar meu corpo – e que fosse de qualquer tom, desde que azul! – servia bem ao propósito a que fora destinado.

Segui para a cozinha, olhos ainda semicerrados.

O pote de barro pairava solitário sobre a mesa. Retirei a tampa de cerâmica ricamente decorada que cobria aquele objeto centenário e lambi um pouco da água fria, o suficiente para lubrificar os dentes molares.

Eu jamais me alimento com algo sólido pela manhã. A boca não funciona. O estômago ainda repousa. Tentei lembrar o quinto sonho da última madrugada. Não adiantou. Só havia uma placa cinzenta em minha mente onde era possível ler: “em (constante) manutenção”.

Deixei a cozinha. Caminhei pelo corredor a passos pipocados, muitas vezes tateando as paredes de ambos os lados, até chegar à entrada da casa.

Abri a porta e aquela luz maldita ofereceu-me toda sua glória, cegando minha existência ignóbil. Por instinto, baixei a cabeça para me proteger ou me prostrar, vai saber.

Duas piscadelas, um longo bocejar. Opa, o jornal estava bem na ponta dos meus pés!

Em um movimento que mais lembrava um cuco cheirado com falta de óleo nas juntas, abaixei-me e peguei o calhamaço vinte quilos, divididos em vários montes uniformes.

Ah, como era desproporcional a edição de domingo. Dez páginas de notícias. Cem de propaganda. Não, eu não estava delirando. Sei que aquela era uma desagradável segunda-feira. Ontem eu não tive coragem de sair de casa. Bateu aquela fígada da Solidão e o astral foi parar a sete palmos embaixo da sola do pé esquerdo.

O dia anterior foi frio e lamacento. Lá fora e aqui dentro. A solução encontrada? Ficar soterrado pelas cobertas, com Roger colado junto ao peito, nossos pelos emaranhados formando pequenas tranças amarelas e prateadas.

Passamos boa parte do domingo ouvindo os álbuns do Morrissey a declamar seu “jupiterês” melancólico, enquanto lágrimas travestidas de cataratas realizavam o serviço de desinfecção nos meus olhos tristes, ainda cegos para toda forma correta de razão.

Roger, meu jacaré de pelúcia, dormiu o tempo todo, onde seu sorriso jocoso permanecia indiferente aos meus constantes ataques “eu sou a vítima de número quatro!”.

* * *

Dez e quarenta.

Eu estava atrasado. Bem atrasado.

Encontrei um café que fora parido anos-luz atrás. Petrificado e intragável.

Tomei coragem, apanhei a bolsa com meus cacarecos e fiz um grande esforço para dar adeus à Dona Preguiça.

Fechei a porta da sala e logo fui saudado por uma revoada de passari-

nhos gordinhos que vieram me proporcionar, à sua maneira melindrosa, um ruidoso “bom dia”. Que contraste gritante comparado ao vazio de penas do dia anterior.

No meio daquela algazarra toda, tentei achar dentro da bolsa os óculos escuros para proteger do mundo o meu olhar cansado, acuado, desgraçado.

“Bom dia, senhor Clive. Aposto que está atrasado!”, cantou Fridah Günster, a vizinha do meu lado direito, parando por uns instantes de varrer a calçada.

“Veja como a semana começou... tão maravilhosa!”, sua alegria sincera não era capaz de me contagiar.

Eu ajeitava o Guess Vivid em meu rosto ao mesmo tempo em que tentava levantar o astral das profundezas do meu ser.

Após doloridos segundos travados, consegui demonstrar meu melhor sorriso parcial para a doce velhinha e minha expressão fuceira pré-fabricada a convenceu de que eu achava realmente que o dia permaneceria esplendoroso.

Rindo do meu típico comportamento patchongo, a senhora alemã continuou sua rotina doméstica. Reparei que ela havia acabado de podar várias plantas do jardim e agora varria os galhos e as folhas mortas, formando um grande monte de derivados tons esverdeados, que depois seria colocado num saco plástico reforçado, da cor do chumbo.

A senhora Günster acordava com os galos. Senti a canção de algo feito à base de laranja, mas não consegui adivinhar o que era dessa vez. Ela adorava cozinhar.

Recordei as tardes em que me pegava deitado na cama, lambendo o aroma de tortas doces recém-tiradas do forno a lenha e posicionadas para o devido repouso no vão da janela da cozinha.

Como nos antigos desenhos animados, a fumaça das especiarias alemãs seguia em direção à janela do meu quarto e fazia cócegas em minhas narinas, muitas vezes despertando-me de sonhos eróticos, estimulando assim outro tipo de apetite.

A produção de algumas receitas era acompanhada de antigas cantigas em alemão, incompreensíveis para mim, pois ela entoava as belas e intrincadas melodias num dialeto todo particular.

A harmonia das canções – mesclada com a beleza e a singularidade de

uma voz límpida! – era capaz de me fazer lembrar uma infância feliz, quando minha querida mãe, Helen Clive, costumava entoar versões nada sagradas de seculares cantigas irlandesas que me transportavam até um sono tranquilo.

Lembro-me que em meus sonhos rapagotes eu vivia fazendo qualquer coisa boba com o Rock Hudson.

As melodias da senhora Günster embalavam cada estágio da preparação dos seus mais variados tipos de pratos. Por ironia, quanto mais triste parecia o enredo da música, mais apetitoso era o assado.

A vovozinha morava numa discreta, funcional e bonita casa em estilo germânico, aliás, como a grande maioria das construções da ilha.

A moradia protegida por cerquinhas de madeira branca e decorada de delicados tons pastéis em verde e creme a predominar nas paredes de madeira, fora construída inteiramente pelo marido, um ex-alfaiate alemão simpático e bonachão, era o que afirmavam todos da vizinhança. Eu não o conheci pessoalmente.

Se minha memória não estiver equivocada, o senhor Günster havia desencarnado há quatro anos, vítima de um câncer na próstata. Eles não tiveram filhos e pelo que me consta, nenhum outro parente direto morava em Lovland.

Quando me mudei para a ilha no ano passado, a senhora Günster passou a tomar conta de mim, adotando o “caramarrada” aqui como um filho muito querido. E ao contrário do meu humor um tanto instável – talvez por causa da solidão idiota em que eu me encontrava desde então, por culpa única e exclusiva minha – ela vivia em estado de graça enquanto houvesse abundante luz natural. Sempre muito prestativa, radiante, toda sorrisos reconfortantes.

Os olhos azuis pareciam acender e brilhar de um modo febril cada vez que ela tinha a oportunidade de conversar com alguém. Boa energia era o que não faltava naquele um metro e quarenta e nove de pura alma. Com toda certeza, o simpático pedaço de felicidade devia ser movido à energia solar, pois assim que o sol se punha, a velhinha fechava a casa toda e hibernava no típico universo dos sonhadores solitários.

* * *

Cheguei bem pra lá das onze.

Abri as portas do estúdio uma hora e cinquenta e três minutos, atrasado.

Suado, louco para lavar o rosto, joguei minha bolsa sobre a cadeira de Jane, minha assistente. Ela só viria após o almoço. Usou a manhã para ir ao médico, a fim de resolver “coisas de mulher”.

Liguei meu Mac abajur, verifiquei meus e-mails. Li algumas notícias locais. Enrolei o máximo que pude. Eu encarava os arquivos colorindo minha tela e não nutria a mínima paciência para dar continuidade em nada.

Assim que Jane chegou, quinze minutos antes do meu horário de breve lanche, trocamos algumas palavras sobre os compromissos agendados.

Sim, ela ficou puteada ao conferir trocentas mensagens na secretária eletrônica, louca ao saber do meu ligeiro descaso.

Sem pique para criar mais nenhuma estampa exclusiva para um novo lote de camisetas, foi um alívio constatar que minha tarde estava relativamente livre.

“Você tem reunião com dois clientes novos. Mas, é claro, já percebi que você não está aqui, de alma presente. Fique tranquilo. Eu dou um jeito em tudo!”

Jane, Jane, Jane. Minha salvação!

* * *

Minha cabeça realmente não estava no planeta que ainda chamam de Terra. Resolvi sair. Talvez curtir um cinema mesclado com um bom caminhar. Arear a cachola com futilidades era o que eu precisava naquele momento.

Eu observava as pessoas nas ruas do centro de Lovland correrem como loucas. Zumbis sem direção. Mentos sem ação. Todas programadas para atingir os ideais impostos por alguém, em algum lugar. Dor, preocupações. Sem o ímpeto de sonhar. Onde estaria a felicidade naqueles rostos anônimos? Não sei. Agora isso não era a coisa mais importante a me preocupar.

Caminhei. Cantarolei. Cheguei ao meu destino.

Cerca de uma semana atrás, duas diminutas salas haviam sido inauguradas na ilha. Conferi a programação. Filmes de arte do outro lado do mundo

geralmente são um porre ao quadrado. Conceitos sem lógica, nem ambição, muito menos cor e alegrias. Principalmente a última safra de filmes franceses, onde a vida de uma caolha lesma manquitola era muito mais interessante do que o arrastar dos fatos projetados em roteiros pedantes, pouco criativos.

Olhei os títulos. Nada me empolgava. Sei lá. Por instinto, devido à cor chamativa usada num dos cartazes, acabei escolhendo o filme iraniano que impregnava a Sala Dois.

Comprei o ingresso. No guichê, uma ruiva pós-punk preocupava-se mais em remediar suas unhas enormes do que em me devolver o troco correto.

Entrei. Sentei. Bocejei.

É óbvio que havia poucos pingados naquela sessão da tarde.

Reparei em um rapaz agitado, nada oculto na extremidade da fileira de número nove. Da minha poltrona, eu vislumbrava muito nervosismo, pois suas mãos eram esfregadas com insistência contra suas coxas descompassadas.

Segundos antes do início da exibição, trocamos olhares famintos. Acendeu-se a velha luxúria. Todos nós sabemos o momento em que o “homossexo” fala mais alto.

O instinto machobesta trocava seus fluidos espectrais entre caralhudos que se desejavam mutuamente.

Levantei-me e fui para o fundo da sala, bem longe dos outros três ou quatro vultos que marcavam seus quadrados num espaço aleatório.

Ele percebeu meu recado. Veio até bem próximo de mim. Sentou-se três cadeiras à minha direita. Fiquei superexcitado.

O filme começou. Realidades apagadas. A pequena tela refletia cores metálicas em nossa direção. Cinco minutos transcorreram, até que o rapaz tomasse a decisão de invadir meu território.

As mãos tique-e-taque continuavam seus movimentos sobre as coxas trançantes. Meu olhar fixo grudava na tela. Meu radar periférico permanecia atento ao generoso volume no meio daquele apetitoso par de coxas bamboleadas.

Eu notara que ele não tirava os olhos do meu corpo. Senti a pressão da sua timidez. Tomei a iniciativa. Toquei seu joelho. Segurei sua mão. Ela golpava um suor pegajoso, repulsivo.

Fria. Ao mesmo tempo flambada. Havia o desespero do inesperado tão encruado. Senti seu medo ingênuo ao não deixar fluir a vontade da carne. Tranquilei-o, acariciando com suavidade sua mão escorregadia. Aproximei minha boca na altura da sua nuca. Dei-lhe um beijo suave. Sua pele arrepiou-se com a passagem do ar hortelã entre meus lábios. Sua mão tímida apertava minha mão decidida, onde descobertas e medos fundiam-se numa guerra infernal naquele ser que lutava para se libertar das suas amarras seculares.

“Beije-me”, ele pediu, num sussurro defeituoso.

Apaguei a realidade à minha volta e presenteei seus anseios. Sentimos o gosto lunático um do outro.

“Meu nome é Tonius”, ele pigarreou, quase em lágrimas, rompendo a troca de nossos fluidos.

“Cara, eu preciso de um homem... agora!”, notei urgência no seu pedido óbvio.

De um jeito sem jeito, tentei abraçá-lo. Ele aceitou meu afago.

Passamos o filme com os corpos colados. Nossas mãos permaneceram fundidas durante toda a sessão.

Luzes acesas. Fim da fantasia.

Não sei o que assistimos. Não prestei a mínima atenção. Meus olhos pressentiam algumas imagens, mas minha alma fora transportada para outra figura muito mais interessante. Desperto, foi ótimo constatar que a única certeza era vibrar com Tonius ao meu lado. Saímos juntos. Triunfantes.

Quando envoltos em sociedade, ele não conseguia me encarar. Sua timidez era crônica no seio do público. Sem palavras, caminhamos no roteiro do Destino.

“Você... será que você tem lugar?”, finalmente ele abriu a boca.

Sim, eu tinha as chaves de uma perdição. Mas não precisei usar frases pré-fabricadas. Em silêncio quase sepulcral, ele confiou sua tarde a mim. A meta de compartilharmos as variantes do prazer seria alcançada.

Chegamos à minha casa. Fomos direto para o meu quarto.

Dilaceramos os tecidos, espalhando-os pelo espesso carpete. Mais uma

infinidade de beijos, todos desconjuntados. Muitos carinhos pacientes de minha parte. Ele não tinha ação corpórea. Ele tremia incontrolavelmente.

Era – de fato – a sua primeira vez. Aquilo deixou meu tesão a trezentos por hora!

“Por favor, acredite no que vou lhe falar. Eu nunca, nunca, nunca *fiz* com homem!”, a resposta veio solidificar minha certeza.

“Confie em mim, Tonius. Não farei nada que possa magoá-lo”, minhas sentenças eram honestas.

Um sonoro beijo estúpido selou meu juramento. Tonius beijava muito bem, quando conduzido por uma língua hábil, sobrenatural.

Percorri seus músculos retesados com as mãos, com a boca, com os toques mais premiados. Nada emocional. Só o carnal. Sexo pelo sexo. Porém, devidamente acompanhado de honesto carinho. A satisfação de um desejo mútuo. Nada, além disso.

Na hora da verdade, nossos delírios encontraram a melhor posição.

Ele queria invadir meus domínios. Cedi sem pestanejar.

Entre mordidas e lambidas cada vez mais alucinadas, minha mão abriu o fofo baú de madeira sobre a mesinha patinada, ao meu lado.

Apanhei a dupla Jontex/KY. Ele não sabia como usar uma camisinha. Controlei a vontade de gargalhar, concentrando-me na benevolente missão de ensiná-lo.

O gel frio lubrificava meu paraíso quente.

Abri-lhe as cortinas para desfrutar o pasodoble.

Entre arrebatados gemidos de extrema satisfação, Tonius entrava e saía em movimentos disformes. A sua inocência punha-me ensandecido. Levou bom tempo até encontrarmos a devida sincronia.

Quando outro bolero engatava o ritmo, ele não aguentou o tranco, sucumbindo ao êxtase, jorrando sua sidra límpida dentro do meu canal sem manchas.

Enfim, confesso: foi uma vitória merecida. Ele passara com louvor pelo segundo batismo.

Relaxados e exaustos e acesos, entregamos nossas almas ao Senhor dos

Sonhos. Pelos trançados rangendo sobre a cama. O sexo de Tonius ainda permanecia alerta, a formigar dentro de mim-eu-mesmo.

Despertamos após breve cochilo.

Ele queria mais. E eu estava no ponto para muito mais.

Levantamos afogueados. Fomos para a janela.

Enquanto eu apreciava a cadência das borboletas a vagar pela minha rua deserta, Tonius massageava a extensão do meu sexo arredio. Notei uma gulodice em seus olhos requebrados. Ele queria prosseguir, mas não sabia como agir.

Bondoso, conduzi com calma calculada a sua cabeça para baixo, prostrando-o de joelhos à fonte do meu prazer. Passei a palma da minha mão em seus lábios de modo a aquecê-los. Como um bom aluno, sua boca sugava a ponta dos meus carrancudos dedos teleguiados.

Induzi seus lábios para o meu sexo. Tonius beijou-lhe a cabeça, experimentando pela primeira vez o gosto dulcificado da lascívia. Abriu a boca faminta e num agressivo movimento longe dos trilhos, ele engoliu aquele sólido brinquedo de adultos.

Sua saliva abundante inundava minha madeira de leis. Tonius ia e vinha e queria mais. Eu sentia seus lábios quase a tocar minha bolsa de vidas.

Feito um monstrinho indomado, ele finalmente conseguiu chutar a timidez para escanteio. Sua boca alternava meus delírios com sua mão molhada a movimentar meu membro para frente e para trás em gloriosa harmonia. Enlouqueci, de vez!

Tonius divertia-se abertamente com a descoberta. Seguimos para o próximo passo. Paralisei seu desejo frenético, pois não queria enlamear aquele rosto ainda virginal. Agachei minha imponência ao seu nível. Repousei meu olhar profundo sobre seu olhar ansioso. Pedi-lhe um beijo. Recebi sua alma em troca.

“Vire-se”, notei vasto temor em suas linhas retorcidas.

“Só peço que você confie em mim”, posicionei sua bunda indefesa sobre o carpete amarfanhado.

Acarinhei suas costas e nuca e couro cabeludo por século e meio. Tonius relaxou profundamente. Sentindo o caminho livre, beijei-lhe as nádegas. Minha língua grelhada procurava sua virgindade.

Não houve nenhuma resistência. Só agradecimentos corporais.

Intensifiquei a primeira penetração. Tonius segurava no pé da cama e ralhava sensualidades profanas num dialeto próprio. Eu mordiscava aquela fartura de carne de primeira grandeza. Ele pressionava minha cabeça para que minha língua ampliasse o terreno das novas sensações. Minha boca abandonou suas partes baixas e percorreu as costas lisas, pontilhadas por alguns maleáveis círculos negros, minúsculos, intrigantes.

Procurei seu truculento pescoço e o ungi de beijos afáveis. Meu domínio repousava sobre sua submissão. O roçar das minhas pernas peludas em suas pernas depiladas o deixava vidrado, entre gemidos sufocados e sussurros maléficos de “mais, mais, mais!”.

“Eu quero ser seu!”, ele bramiu, quase numa súplica desesperada a aticar o grande momento.

Minha espada estava pronta para desbravar terras inexploradas. Após preparar meu sexo com a devida proteção, com infinita paciência e muita ternura fui adentrando o tímido cavalheiro. Não houve dor física de sua parte. Que sorte a dele. Eu domino a magia.

Porém, ao ser deflorado, Tonius derramara inúmeras lágrimas sonoras. Que felicidade sentir que elas eram de triunfo por ter satisfeito seu único desejo mais íntimo, sufocado dentro de si por tantos e tantos anos.

Novamente nossos corpos entraram em sincronismo ideal. O bom aluno pegou o jeito certo de se fazer o amor. Algo me dizia que aquele aprendizado lhe seria muito útil no futuro.

Apoiado sobre a cama, joelhos a deixar marcas profundas nos fios sedosos, investi com orgulho minha vasta experiência para cima de Tonius. Meu jorro vitorioso invadiu em longas golfadas as trilhas secretas daquele corpo movido a leite de cabras. Descartei o balão aquático. Permanecemos atarracados em romantismo durante eras indeterminadas.

Ofegantes, reluzentes, insuperáveis!

* * *

“Bom dia, vizinha Fridah”, disse a mim-eu-mesmo, ao acordar com as carícias da suave fragrância da famosa torta de maçã com canela.

Abri de vez o meu mundo quando aquela magnífica visão se concretizou. Havia uma belezura amorenada repousando na janela da cozinha da senhora Günster, recém-tirada do forno.

Ela viu meu corpo seminu apoiado no batente. Ficou surpresa com o raro sorriso luminoso que eu – todo faceiro – expunha ao universo.

“Senhor Clive, bom dia!”, seu olhar era um misto de felicidade por verme e vergonha por deparar-se com meu espinhoso peito aberto.

“Já que acordou cedo e, pelo visto, muito bem-disposto, se vista e venha tomar o café da manhã comigo”, Mamãe Torta ordenou.

Após uma ducha rápida, coloquei uma camiseta limpa e um moletom folgado. O quarto ainda fremia sexo. Todos os poros do ambiente recendiam Tonus.

“O mocinho tem algum compromisso para o próximo sábado?”, perguntou Fridah, sorridente, enquanto me servia uma xícara de chá de jasmim.

“Não, senhora Günster. Nos próximos dias eu preciso finalizar algumas artes para um cliente chatonildo e também providenciar o despacho de um lote de bonés e camisetas. Sendo assim, acredito que eu não tenha mais nada agendado. E, se houver, peço pra Jane dar um jeitinho...”, agradei o chá ofertado com meu típico gesto abobalhado.

“A senhora precisa de alguma coisa?”, indaguei, babando em volúpias, louco para devorar minha torta favorita.

“Se não for incômodo, eu gostaria muito que você me acompanhasse durante uma cerimônia de casamento”, mais uma vez notei sua pele alva ruborizar-se. Fridah tinha receio de que eu não aceitasse sua companhia em uma reunião social.

“Claro, será um prazer!”, confirmei com sinceridade no semblante.

“Qual é o horário do grandioso evento?”

* * *

Foi com muito sacrifício que consegui escolher uma roupa adequada para a tal cerimônia. A senhora Günster esperou mais de vinte minutos para que eu tomasse a decisão por qual camisa azul vestir.

“O senhor é pior do que mulher para se arrumar, mocinho. Fiquei pronta em dez minutos!”, Fridah estava impaciente quando dei as caras na varanda de sua casa.

“Vamos, não quero chegar atrasada”, ela segurou meu braço, puxando-me para o seu lado como se eu fosse um neto rebelde.

Ríamos de nossas sandices.

A igreja de São Crabedean estava muito bonita.

Rosas vermelhas destacavam-se entre ramos de pinheiro e pequenas flores-do-campo brancas, formando um simples e admirável conjunto de extremo bom gosto. O interior era todo decorado com esses arranjos.

Duas “torres” de rosas multicores enfeitavam o altar, onde os padrinhos e o noivo aguardavam a hora tão esperada.

Ao dar com minha fuça sobre Tonius e avaliar seu semblante impaciente iluminado pelo vitral do Santíssimo, conferir as tão conhecidas mãos a bailarem nervosas dentro dos bolsos da calça anil suspirar com o aveludado traje de gala recoberto por finíssimas listras brancas a moldar aquele corpo delicioso, senti uma bordoadá maguilanítica na altura do coração.

Consultei o calendário digital no meu relógio sem pulso.

Gesuis... dias atrás aquele príncipe estava no meu castelo, urrando de prazer sem dor, nem culpas!

Ri – tenso e indiscreto – da safadeza do Destino.

Fridah encontrou duas amigas no interior da igreja. Aproveitei sua distração e caminhei até o altar para ficar mais próximo e visível ao noivo.

Tonius me viu. A expressão do seu rosto não fora de espanto e sim de alegria serena e até mesmo certo alívio por eu estar ali. Deu-se a impressão que ele queria demais a minha presença!

Nada tímido, ele veio em minha direção.

“Uau! Você está no *meu* casamento. Como soube da cerimônia?”, ele questionou, olhar trincando de curiosidade, num tom sedutor.

Nossas esmeraldas denunciavam todas as alegrias. Tonius apoiava a mão tensa em meu ombro rígido. Surpreendentemente, nos comportávamos como velhos amigos.

“Vim acompanhar uma amiga. Eu... sinceramente... eu não sabia que

era o seu casamento!”, respondi com alumiada insegurança.

Não pudemos continuar a conversa, pois um dos padrinhos pigarreou, indicando que minha intromissão ali estava fora do contexto ensaiado. Sorri para o balofo sem graça. Cumprimentei Tonius em cifras juvenis.

“Por favor, não vá embora”, ele disse em sussurros, com receio no olhar.

Assumi que a minha tresloucada pessoa talvez lhe trouxesse algum nível de segurança.

Resolvi não fugir mundo afora. Voltei para o meu lugar junto de Fridah, que elogiava o traje de alguém no altar.

Um padre caindo aos pedaços apareceu do nada.

Lembro-me da música lapidada por um quarteto de cordas.

As portas se abriram.

E a noiva surgiu. Bela, gloriosa, poderosa.

Ela era linda!

* * *

Na festa que ocorreu logo após a tediosa cerimônia, permaneci grudado em Fridah e suas amigas. Refulgentes, Tonius e sua noiva davam atenção aos demais convidados.

Um século depois, em um momento de distração, senti a decidida mão fria e úmida tocando meu ombro esquerdo. Eu estava entretido com a senhora Günster a contar histórias do seu passado vivido na Alemanha Oriental. Eu e suas amigas suspirávamos, maravilhados, com a riqueza dos detalhes do comovente relato sobre como ela fisionomizou o seu amado eterno.

“Ingrid, aqui está um grande amigo que há muito tempo eu não via”, a voz familiar fez com que eu mudasse o foco de todas as atenções, engolindo em seco.

A curiosidade de Ingrid ao me encarar deixou-me sem ação. Trocamos os tradicionais beijos. Desejei-lhe honestos votos de felicidade. Não cabendo em si, Tonius parecia realizado com suas duas conquistas mais preciosas, ali, bem na sua frente.

“Então... você também fez o Stella Maris na mesma época que o Tonie?”, ela perguntou-me em um tom carinhoso e curioso ao mesmo tempo.

Não tive tempo de responder, pois *Tonie* adiantou-se em meu socorro:

“A gente se ferrou em aulas malucas. Foi um curso intensivo que passou... voando. Meu amigão se tornou praticamente meu grande mestre em muitas matérias onde eu encontrava tremendas dificuldades de aprendizado!”

Encarando um ex-tímido transfigurado, segurei meu queixo e limitei a “confirmar” o comentário medonho com um sorriso “sheldon cooper”.

Ingrid não dispunha de tempo para discutirmos assuntos estudantis. Graças aos céus várias pessoas solicitavam a presença do casal, livrando-me assim de maiores questionamentos. Por outro lado, saber que fiz parte da “transformação” de *Tonius* me deixou a flutuar além das nuvens.

Enquanto todos se divertiam em danças tradicionais alemãs no interior do dispendioso salão alugado para a exuberante festa, procurei um refúgio no vasto gramado que circundava aquele belíssimo antro de fantasias.

Aprimei meu nervosismo na grama fofa, apoiando minhas costas no pé de ferro de um banco de madeira que decorava o paraíso artificial.

Fridah nem notara minha ausência, tão feliz que estava na companhia de bons amigos vindos do Continente. Isso para mim era ótimo, pois eu precisava de um pouco de tranquilidade e certa privacidade para refletir sobre as “coincidências”.

Sequei meu quarto chope em dois tempos. Avaliei a qualidade da estampa da caneca decorada com bom gosto, deixando-a em seguida ao lado de uma pedra pintada de branco. Cerrei os olhos e permiti que a música distante inebriasse meus sentidos.

É uma pena. Eu não sei dançar!

Descobri que eu amava cada vez mais a ilha de Lovland e seus aportuguesados alemães deliciosamente atrevidos.

“Posso gozar da sua boa companhia?”, aquela voz familiar despertou-me do devaneio.

Abri os olhos e a presença de um descabelado *Tonius* eufórico preenchia meu campo de visão. Fiquei feliz e comovido e ainda mais tonteado.

“Não gosto da quebra de tradições. Ingrid está delirando de alegria com o restante dos presentes recebidos. Isso está fora do meu roteiro. Então, apro-

veitei a deixa para te caçar novamente. Você está bem?”

“Sim, Tonie, estou muito bem. Parabéns pela festa!”, acompanhei com o olhar ansioso o noivo esparramar-se ao meu lado.

“Olha, estou muito, mas muito feliz mesmo... por você!”

“Sei que você nada sabia sobre minha data. Mas... preciso aproveitar o momento e lhe agradecer pelo que você fez por mim naquele di...”, tapei aquela boca sedutora com a ponta de meus dedos bambolês.

Não havia motivo para agradecimentos. Realizamos nossos instintos e degustamos os prazeres de uma louca descoberta. Não houve tempo para nascer o Amor. Acordamos somente o desejo de compartilharmos um instante mágico, necessário, inesquecível.

Tonius segurou minha mão, tirando-a de seus lábios após um beijo discreto nas pontas das minhas estacas de bambu. A exultação refletida no seu olhar era indescritível.

Assumi que, de certa forma, eu havia contribuído para sua libertação sexual. De maneira alguma eu ficara magoado por ter sido, digamos, pego de surpresa.

Tonius não me enganou. Havia simplesmente omitido detalhes da sua vida privada. De comum acordo, saciamos nossas vontades. Eu doei o que ele precisava. Ele me proporcionou o que eu queria.

“Preciso voltar para a festa. Você vai ficar aqui, isolado?”, notei apreensão no seu olhar. Ele ainda desejava minha presença além do físico.

Levantamos nossa liberdade. Trocamos olhares agradecidos. Tonius me roubou um beijo. Espadas alcoolizadas riscaram o céu de nossas bocas secas.

Aprumados, sem palavras ou cobranças ou chilikques, sabíamos que nossos caminhos seguiriam bem separados a partir daquele último segundo. Amigos sociais num encontro casual. Amantes sensuais num futuro incerto.

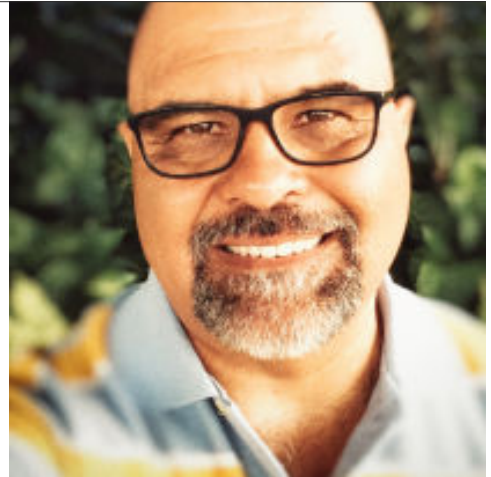
O coração de Tonius havia sido preenchido com o amor de Ingrid. Agora cabia somente a ele complementar o corpo da amada com as técnicas aprendidas em nosso “curso intensivo”.

Entre nós dois, nada emocional. Só o carnal.

Oh, a despedida! Sim, foi uma inusitada despedida... de solteiros.

Ele ganhava o companheirismo da esposa. Eu assumia de vez meu compromisso com a Solidão, uma decisão consciente.

Nós praticamos o sexo pelo sexo.
Porém, devidamente acompanhado de carinho.
A satisfação de um fantástico e memorável frenesi mútuo.
Nada, além disso.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
